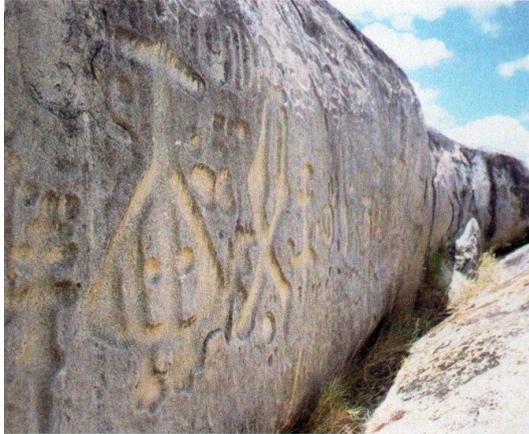


## Enigmas da pedra riscada

texto LIANA JOHN e foto JOÃO CORREIA FILHO



12

TERRA DA GENTE

Itacoatiara, em tupi-guarani, quer dizer pedra riscada. Também é o termo que designa um tipo de inscrição rupestre — a gravada em relevo e não apenas pintada — no entender dos especialistas. Diversas localidades levam esse nome — um porto e um município no estado do Amazonas, uma praia e um costão no município de Niterói, por exemplo — e a maioria dessas localidades ainda tem um marco de pedra com formas geométricas e desenhos feitos na pré-história. Não sabemos muito sobre os povos primitivos — e já extintos — que fizeram tais marcos, exceto quais instrumentos e técnicas usaram e por onde viviam, pois as rochas com desenhos semelhantes indicam alguma proximidade cultural ou contato entre seus autores.

A Paraíba é uma das regiões mais ricas em itacoatiaras do

Brasil, com mais de mil sítios arqueológicos catalogados. Ali fica a Pedra do Ingá, localizada a 84 km da capital, João Pessoa. Trata-se uma imensa rocha de gnaíse, provavelmente gravada com um instrumento feito de outra pedra mais dura, como granito ou basalto. O painel principal tem 3,5 metros de altura por 24 metros de comprimento, mas se somarmos a ele outras figuras e grafismos próximos são 250 metros quadrados decorados. “Acreditamos que eles usassem uma espécie de cinzel de pedra e fossem trabalhando pouco a pouco, chocando o cinzel contra a rocha, ferindo a rocha de acordo com um desenho anteriormente esboçado”, explica Vanderley de Brito, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), autor do livro *A Pedra do Ingá – Itacoatiaras na Paraíba*. “Depois de gravadas, as figuras da Pedra do Ingá foram polidas e, neste caso, com todo o esmero. Sem dúvida, é uma das itacoatiaras mais bem trabalhadas”.

A data provável em que as inscrições foram feitas é difícil de estabelecer. Só se sabe que são pré-históricas, ou seja, anteriores a 1500. Mas isso é muito impreciso: podem ser milhares de anos antes da chegada dos europeus, podem ser apenas algumas décadas. O problema para definir o período está numa das características comuns a quase todas as pe-

dras riscadas: o fato de estarem localizadas na costa ou ao lado de cursos d’água e, portanto, em áreas sujeitas a marés ou cheias e vazantes. Devido à dinâmica natural desses solos, com o tempo foram literalmente lavados os indícios de presença humana passíveis de datação pelos métodos hoje conhecidos.

Mesmo a Pedra do Ingá de vez em quando fica com suas inscrições submersas, nas grandes cheias do rio Ingá, que é temporário. Isso ocorre, em geral, entre maio e julho. Atualmente, além dos sedimentos carregados das margens desprovidas de vegetação ciliar, os esgotos lançados no rio também oferecem risco, pois o excesso de matéria orgânica em decomposição torna as águas mais ácidas. As inscrições ainda sofrem com a amplitude térmica do sertão: entre as horas mais quentes do dia e as mais frias da noite chega a haver diferenças de temperatura de até 20° C. E como a mata ao redor das rochas decoradas foi igualmente cortada há décadas, as constantes contrações e dilatações das rochas causam descamações e rachaduras. Felizmente, outra ameaça — a depredação humana — é contida pelo guardião da Pedra do Ingá, o guia e comerciante Renato Alves. Ele se estabeleceu lá por conta própria e há 20 anos recebe turistas e estudiosos, sempre de olho na integridade dos desenhos.

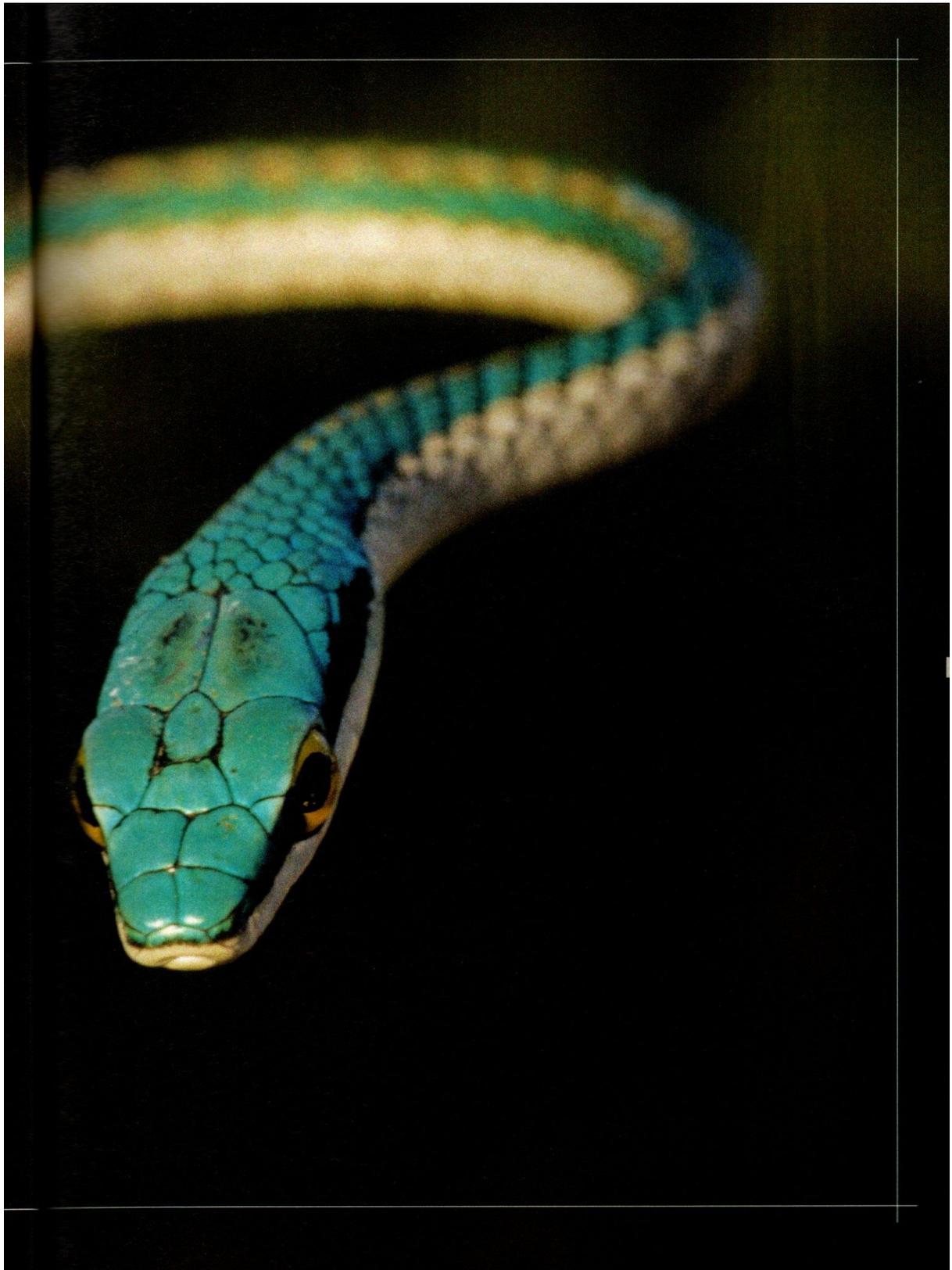


# SERPENTES

## *vivas e em cores*

texto LIANA JOHN

*As serpentes venenosas são apenas um sexto do total de espécies catalogadas no Brasil, mas, por desconhecimento e preconceito, todas são temidas e, freqüentemente, exterminadas. Para mudar isso, aqui vai um convite para vencer o medo, derrubar mitos e aprender mais sobre esses multicoloridos seres, extraordinariamente importantes na cadeia da vida e extremamente adaptados a seus variados habitats*



**INVISÍVEIS**

Com uma extensa gama de cores e desenhos, tanto o colubrídeo (nesta pág.) como a jibóia (no detalhe à dir.) conseguem 'desaparecer' no ambiente



**N**ossa Senhora pisa com pés descalços sobre a cabeça da vilã de língua bífida e corpo sinuoso, a mesma vilã imortalizada na cena da expulsão do Paraíso, interposta entre Adão e Eva, oferecendo o fruto proibido. Nas representações artísticas, na mitologia católica e no imaginário popular brasileiro, a serpente é a representação do pecado, o Mal a ser vencido e pisado pelo Bem.

Na vida real, em muitos ecossistemas, as serpentes são elos indispensáveis na cadeia alimentar, contribuindo para o equilíbrio eco-

lógico em ambos os papéis, como predadoras ou como presas. No Brasil, as 326 espécies conhecidas ocupam desde o alto das copas das florestas mais úmidas até os subterrâneos mais secos dos solos do semi-árido. Elas estão presentes em todos os tipos de ambiente: nas águas interiores, nas matas fechadas ou abertas, nos palmeirais, nos campos e cerrados, nos banhados e pantanais, e até nos ambientes alterados pelo homem, como a zona rural ou mesmo os centros mais urbanizados das grandes metrópoles. E como dependem de muita habilidade para sobreviver em meios tão

diversos, apresentam uma gama de cores e padrões de fazer inveja aos *designers* mais criativos, além de recorrerem a comportamentos de encantar os *performers* mais exigentes. Tamanha diversidade não caberia nessas 10 páginas, por isso, desde já, considere esse um pálido retrato de um rico mundo longilíneo, sinuoso e cheio de truques.

Sem mãos nem pés para se locomover, defender ou alcançar seu alimento, as serpentes vivem com todo o corpo em contato com o meio. Isso as obriga a recorrerem a 'expedientes' bem diferentes dos mamíferos, aves e até mesmo de ou-

## Contato com tato

Nada melhor do que combinar informação e contato direto para desfazer más impressões e derrubar o preconceito. Por isso, os raros projetos educativos sobre serpentes, no Brasil, começam com visitas a recintos de vidro – onde os répteis podem ser vistos de pertinho, mas com a providencial proteção transparente entre o visitante e o visitado. Várias explicações e esclarecimentos tornam possível, mais tarde, tirar uma das serpentes do recinto e mostrar que ela não é a vilã de alguns mitos, nem a assassina estressada dos documentários sensacionalistas. E então, conforme a reação do público, permite-se o toque ou até se coloca a serpente mais mansa nas mãos dos visitantes mais ousados.

Esse é o roteiro básico seguido no zôo de répteis Vida Selvagem, de Americana, no interior de São Paulo; em algumas visitas de escolas e grupos, no Instituto Butantan, na capital paulista; e no Projeto Jibóia, em Bonito, no Mato Grosso do Sul. “Ao tocar as minhas jibóias, as pessoas percebem que não são animais agres-

sivos, nem pegajosos, são apenas animais com a pele um pouco mais fria, mas limpa e agradável ao tato”, explica Henrique Naufal, do Projeto Jibóia. “No fim da palestra, muitos se animam e acabam posando para fotos com uma ou até duas cobras no pescoço”.

O contato direto e as informações ajudam na conservação das serpentes, conforme acrescenta Otavio Marques, do Butantan: “Antes os sitiantes conheciam um pouco as serpentes e nos traziam as que supunham ser peçonhentas para trocar por soro. Há alguns anos, para produzir o soro, precisávamos renovar constantemente os animais em cativeiro. Hoje a tecnologia mudou e não precisamos de um número tão grande de animais. E a lei também mudou, tornando ilegal o transporte sem autorização. Mas as mudanças, infelizmente, resultaram no aumento da matança generalizada de serpentes, peçonhentas e não peçonhentas. Por isso, a educação ambiental, sobretudo das crianças, é ainda mais importante”.

tros répteis – como jacarés e tartarugas – para sobreviverem e garantirem descendência. Um dos recursos que usam com maestria é o

colorido de suas escamas, seja com o objetivo de se camuflarem, ficando ‘invisíveis’ para os eventuais predadores e possíveis presas, seja com o objetivo de parecerem o que não são. A eficiência desta ‘invisibilidade’ motiva parte dos mitos envolvendo as serpentes, que para muitas culturas se tornaram seres

**Rastejar é  
pejorativo, melhor  
dizer ‘deslizar’  
ou ‘dançar’**

realidade ou ao consciente.

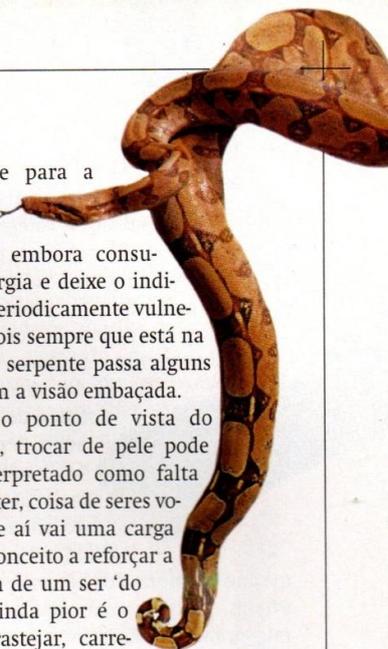
Outro dos recursos diferenciados é a troca de pele. O revestimento de escamas que protege a serpente desprende-se de tempos em tempos e o animal consegue deixar para trás a pele inteira, despindo-a com a ajuda de galhos ou rochas nas quais se esfrega. A troca é im-

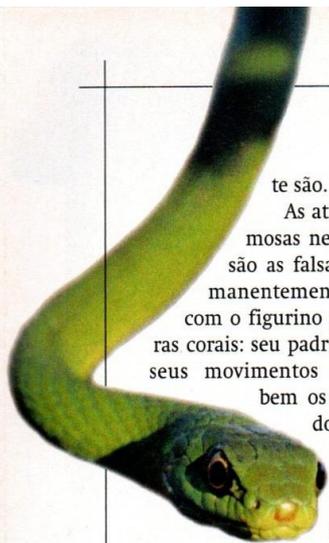
portante para a  
s e r -  
pente

crescer, embora consuma energia e deixe o indivíduo periodicamente vulnerável, pois sempre que está na muda a serpente passa alguns dias com a visão embaçada.

Sob o ponto de vista do homem, trocar de pele pode ser interpretado como falta de caráter, coisa de seres volúveis, e aí vai uma carga de preconceito a reforçar a imagem de um ser ‘do mal’. Ainda pior é o verbo rastejar, carregado de significados pejorativos em nossa cultura. Se reparássemos melhor no movimento das serpentes, talvez substituíssemos rastejar por deslizar ou dançar. As serpentes maiores usam uma sucessão de contrações e distensões dos músculos do abdômen para se locomover, valendo-se da forma das escamas do ventre para ‘empurrar o solo para trás’ e assim seguir em frente. As mais esguias usam movimentos laterais, num vaivém ondulado. E é com extrema elegância, em silêncio, sem estardalhaço, que uma cobra-cipó ganha altura nos ramos das árvores, sem economizar volteios e espirais de grande harmonia.

Sem a carga de medo e preconceito, a versatilidade das poses e dos maneios das serpentes torna-se motivo de admiração. Dá até para compará-las com bons artistas de rua quando observamos uma bicuda (*Oxybelis aeneus*) e sua interpretação de ‘estátua-viva’, fingindo ser um ramo a mais num arbusto para escapar aos predadores. Ou quando assistimos à atuação em defesa própria das especialistas em fingir que são mais perigosas do que realmen-





te são.

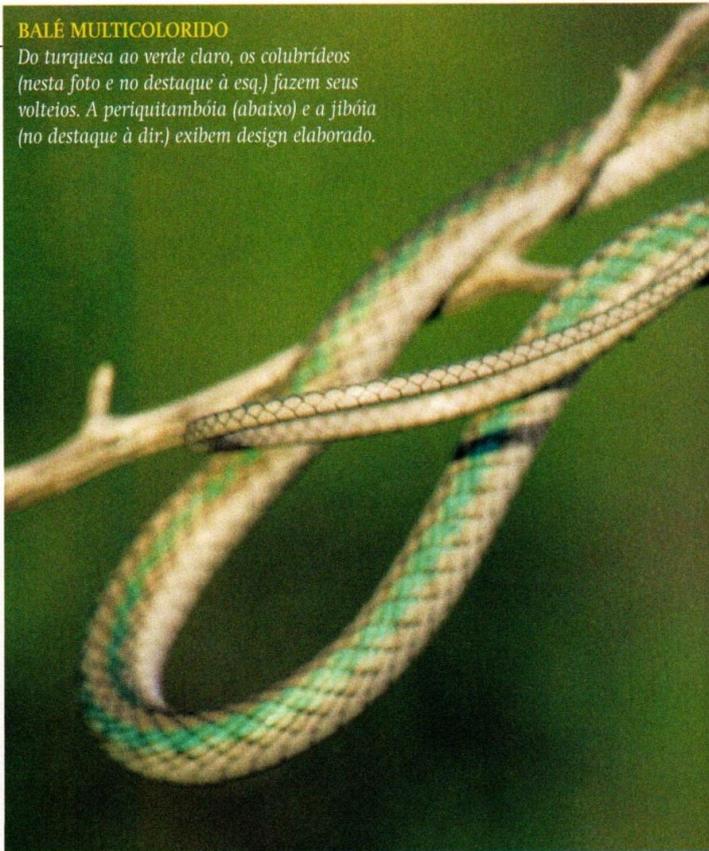
As atrizes mais famosas nessa categoria são as falsas-corais, permanentemente 'vestidas' com o figurino das verdadeiras corais: seu padrão de cores e seus movimentos imitam tão bem os das espécies dotadas de veneno, que tanto os animais pequenos como os grandes — e mesmo a maioria dos homens — as evitam, por precaução. Mas as corais-verdadeiras também têm seus recursos dramáticos e, ao se sentirem ameaçadas, várias delas enrolam e agitam a cauda de modo a deixá-la parecida com uma cabeça, enquanto a sua cabeça de verdade fica escondida, imóvel e a salvo. Assim, se a ameaça se converte em ataque, elas perdem a ponta da cauda, mas não perdem a vida.

Ah! E entre as estrelas de teatro a céu aberto ainda há várias capazes de se transfigurar, como a boipeva, que achata todo o corpo horizontalmente, ou a cobra-verde (*Philodryas viridissimus*), que se alarga na vertical, arma o bote e ainda expõe a boca aberta, de mucosa escura. O objetivo de ambas é parecer maior aos olhos dos espectadores (e eventuais predadores). Com propósito semelhante — o de parecer mais do que é — outras espécies têm recursos igualmente curiosos, como a cobra-cipó (*Oxybelis fulgidus*), que consegue deixar a cabeça triangular como a das serpentes peçonhentas.

Se a atuação não convence e o perigo continua rondando, algumas serpentes recorrem a movimentos e ruídos para avisar que estão estressadas, caso (entre ou-

#### BALÉ MULTICOLORIDO

Do turquesa ao verde claro, os colubrídeos (nesta foto e no destaque à esq.) fazem seus volteios. A periquitambóia (abaixo) e a jibóia (no destaque à dir.) exibem design elaborado.



## Aquarela do Brasil

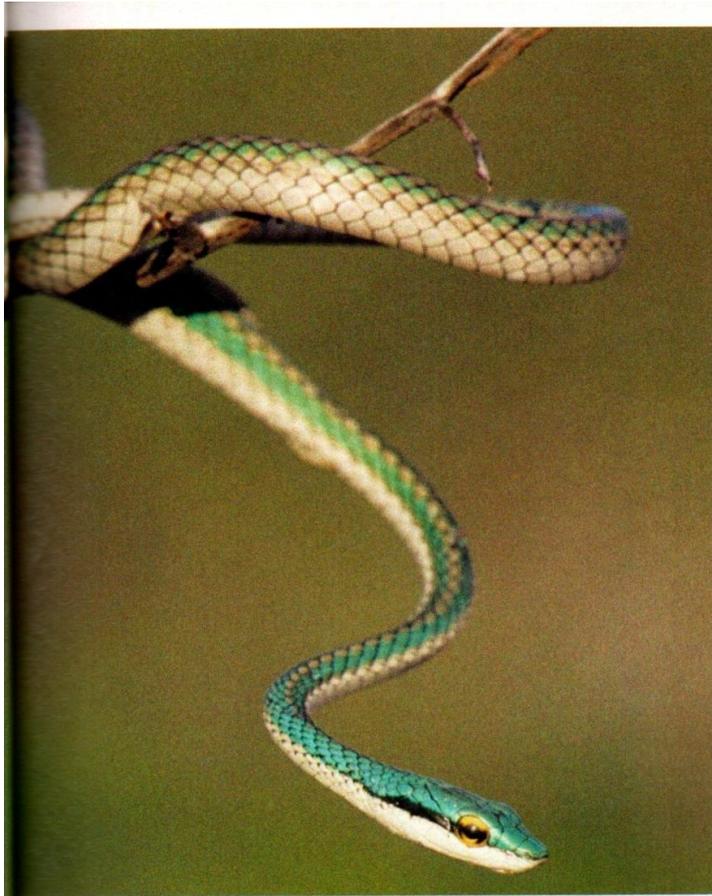
As 326 serpentes nativas conhecidas dividem-se em 9 famílias, das quais a Colubridae — grupo das cobras-cipó, cobras-da-terra, cobras-d'água, muçuranas, falsas-corais e dormideiras — é a mais numerosa, com 245 espécies. Nessa família, como seria de se esperar, também é maior a diversidade de cores e padrões, variando do verde liso a misturas berrantes de vermelho, amarelo e preto, com ou sem listras, pintas e manchas de todas as geometrias possíveis, incluindo o xadrez.

No outro extremo, com apenas um gênero e uma espécie cada, estão as famílias Aniliidae e Tropidophiidae, respectivamente da falsa-coral *Anilius scytale*, de vivo padrão listrado preto e vermelho-reticulado, que se alimenta de cobras-cegas, e da jibóia-anã, de cor

marrom *Tropidophis paucisquamis*, que é endêmica da Mata Atlântica.

As outras famílias de serpentes não venenosas são Anomalepididae (4 espécies), Leptotyphlopidae (12 espécies), Typhlopidae (6 espécies) e Boidae (8 espécies), sendo essa a que reúne os designs mais elaborados, com suaves tons pastéis que misturam rosa e verde, como os da periquitambóia (*Corallus caninus*) ou toda a gama de beges, rosados, alaranjados e marrons das jibóias, cujas linhas e desenhos decoram até os olhos, com variações individuais conforme o tom predominante do ambiente onde vive cada serpente.

As serpentes peçonhentas são agrupadas em apenas duas famílias: Elapidae (22 espécies), à qual pertencem as corais verdadeiras, com seu clássico lis-



ANDRÉ PESSOA

trado vermelho, branco ou amarelo e preto, e Viperidae (27 espécies), que abrange as jararacas verdadeiras e as arborícolas (gêneros Bothrops, Bothriopsis e Bothrocophias), a cascavel (*Crotalus durissus*) e a surucucu (*Lachesis muta*). Com exce-

ção da jararaca-verde (*Bothrops bilineatus*), as Viperidae apresentam variados tons de marrom, com escamas menos brilhantes e desenhos bem marcados: arcos para as jararacas, losangos para a cascavel e triângulos invertidos para a surucucu.



*Corallus caninus*

IVAN SZABO

tras) da cascavel-do-charco (*Mastigodryas bifossatus*), que apesar do nome não é parente da cascavel (*Crotalus durissus*). Na verdade, as atrizes sabem que o guizo da cascavel é um aviso bem conhecido, não só dos homens, mas de outros animais. E, portanto, reproduzem, senão o mesmo som, pelo menos movimentos semelhantes. As performances ainda incluem botes e golpes de cabeça. Se isso também não funcionar, a surucucu-do-pantanal (*Hydrodynastes gigas*) — que também não é parente da surucucu (*Lachesis muta*) — chega ao extremo de se fingir de morta. Em último caso, diversas espécies conhecidas pelos nomes comuns de cobra-cipó e boipeva apelam para a descarga cloacal, que vem a ser a eliminação de fezes e substâncias com mau cheiro, com o objetivo de espantar o potencial predador.

Já quando a questão é buscar alimento, os comportamentos se distanciam um pouco do teatro e se aproximam dos números de circo. O contorcionismo é uma habilidade natural de quem é só corpo, sem membros, e depende de flexibilidade e muita agilidade para capturar suas presas apenas com a boca. Somado à surpreendente força muscular das serpentes constritoras — como a jibóia (*Boa constrictor*) e as sucuris (gênero *Eunectes*) —, o contorcionismo transforma-se num abraço mortal, que imobiliza as presas. Os dentes voltados para trás completam o serviço, ajudando a predadora a engolir a refeição 'sem as mãos'. Mas os dentes de 'agarrar' não servem para mastigar e a presa precisa ser engolida inteira. Artificiosos extras então garantem uma inacreditável abertura de boca: as mandíbulas des-



FOTOS ANDRÉ PESSOA

*Spilotes pullatus*



**BOAS ATRIZES**

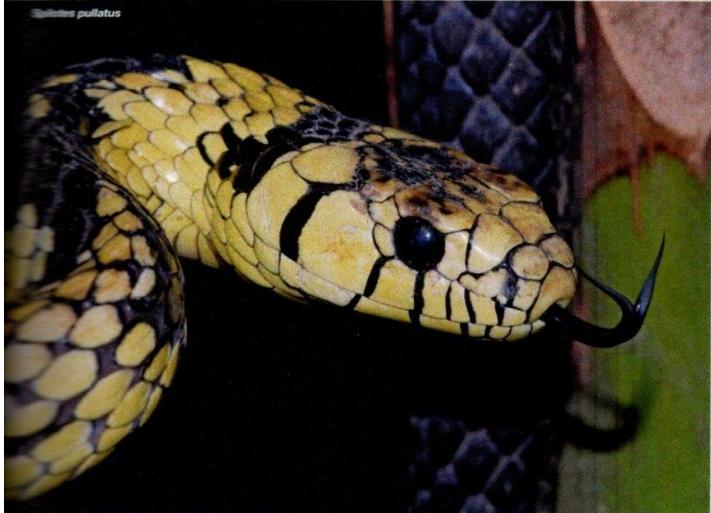
A caninana em pose de defesa (nesta foto) e explorando o ambiente com a mal afamada língua bifida (abaixo, à dir.). A cobra-preta distende a boca para engolir o ovo inteiro (ao lado e acima). E a azulão-bóia (abaixo), em busca de pererecas. No destaque, o charme da 'roupa de bolinhas' da salamanta.

*Leptophis ahaotula*





*Epicrates pullatus*



ANTONIO C. B. DA COSTA

*Epicrates cenchria*



As serpentes são presas ao crânio por ligamentos elásticos e o osso da mandíbula inferior ainda é dividido ao meio, na altura do 'queixo'. Graças a tal arranjo e à elasticidade da pele, elas conseguem engolir alimentos maiores do que suas bocas.

Bem menores e menos poderosas do que as constritoras, as cobrinhas papa-ovo também têm mandíbulas muito flexíveis e recorrem ao mesmo artifício para engolir ovos inteiros. Aí resta o problema de quebrar o ovo, cuja casca é indigesta e precisa ser expelida. A cobrinha faz isso com uma 'quebrada' de pescoço: ela tem uma das primeiras vértebras modificadas, com um osinho mais alongado que funciona como alavanca, rompendo a casca do ovo dentro da sua garganta. O conteúdo do ovo é engolido e a casca, bem espremida, é regurgitada.

O cardápio de cada espécie de serpente costuma ser restrito. As gi-

## Mitos e simbolismos culturais

Ouroboros, a serpente que morde a própria cauda, é um dos símbolos mais fortes envolvendo esse réptil. Originalmente encontrado em um disco de bronze no Benin, na África, representa o ciclo ininterrupto de morte e vida, o eterno retorno e a união do mundo inferior com o mundo celestial.

Quetzalcoatl, a serpente emplumada, é o deus mais conhecido dos maias, astecas, mixtecas e toltecas do México e América Central. É associado às águas, ao vento e à estrela da manhã (Vênus).

Em árabe, a palavra vida (el hayyah) tem a mesma raiz que serpente (el hayat) e ambas derivam de um dos nomes de Deus (El Hay)

Na Índia, para o tantrismo, a serpente é associada ao Kundalini, o chacra da sexualidade, o poder da renovação. E a serpente Ananta segura a base do eixo do mundo, garantindo seu equilíbrio através de um ciclo constante de desenvolvimento e reabsorção.

No antigo Egito, 13 divindades eram serpentes ou associadas a serpentes, incluindo Amon, deus primordial que deu origem à vida e às águas, aquele "impossível de ser conhecido", e Apophis, deus do mal e da noite, personificação do caos. Os faraós usavam na

testa um uraeus, símbolo da deusa-serpente que os protegia de seus inimigos.

Atenas, a deusa grega da sabedoria, é protagonista de várias histórias envolvendo serpentes. Ela surpreende a górgona Medusa e o deus Poseidon fazendo amor em um de seus templos e, como castigo, transforma os cabelos da Medusa em serpentes. E quem olhasse nos olhos da górgona, dali em diante, seria transformado em pedra. Numa outra história, Tiresias vê Atenas tomando banho e a deusa o pune com a cegueira, mas envia uma serpente para lhe lambem os ouvidos conferindo-lhe o dom da profecia. E ele se torna o principal profeta de Tebas durante várias gerações.

## UMAS POR OUTRAS

O medo leva o homem a matar qualquer cobra, mesmo as pouco conhecidas (nesta foto) ou com padrões ligeiramente parecidos com as corais (à dir., abaixo). Algumas jibóias (no destaque à esq.) escapam porque servem para comer ratos.

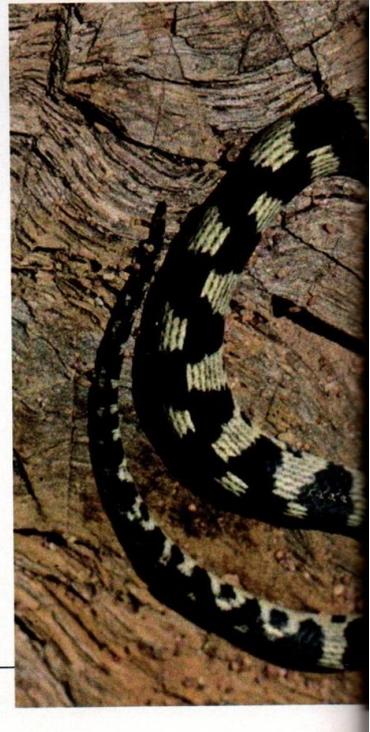


gantes constritoras, como as sucúris, podem variar entre aves, mamíferos, e outros répteis. Mas as jibóias já têm uma quedinha por roedores e por isso chegam a ser adotadas pelos ribeirinhos, na Amazônia, com o objetivo de manter a população de ratos sob controle. As especialistas em determinadas presas desenvolvem técnicas diferenciadas de caça, em geral, muito eficientes. Há cobras comedoras de lesmas, outras *experts* em aranhas de chão, outras que só se alimentam de aves. Ainda existem as que preferem outras serpentes, as que consomem minhocas e as que são fãs dos peixes.

Os anfíbios estão no menu de muitas delas, sendo que as arborícolas preferem capturar pererecas e as polivalentes — arborícolas e de

solo — têm truques para atrair sapos, caso da cobra-cipó (*Tropidodryas striaticeps*). Ela tem a ponta da cauda esbranquiçada e a movimentação de modo a parecer uma larva de inseto se contorcendo, ao mesmo tempo em que disfarça o resto do corpo o melhor possível, entre os ramos ou as folhas secas. Quando o sapo se anima com a 'boca-livre' e pula para agarrar a 'larva', a cobra dá o bote e transforma o predador em refeição. O mesmo truque funciona também com lagartos, outro prato apreciado por essas serpentes, sobretudo quando são jovens, fase em que a ponta da cauda é até mais clara e parece muito uma larva.

Apesar de tantas habilidades e esquemas de camuflagem e defesa, as serpentes também são presas e



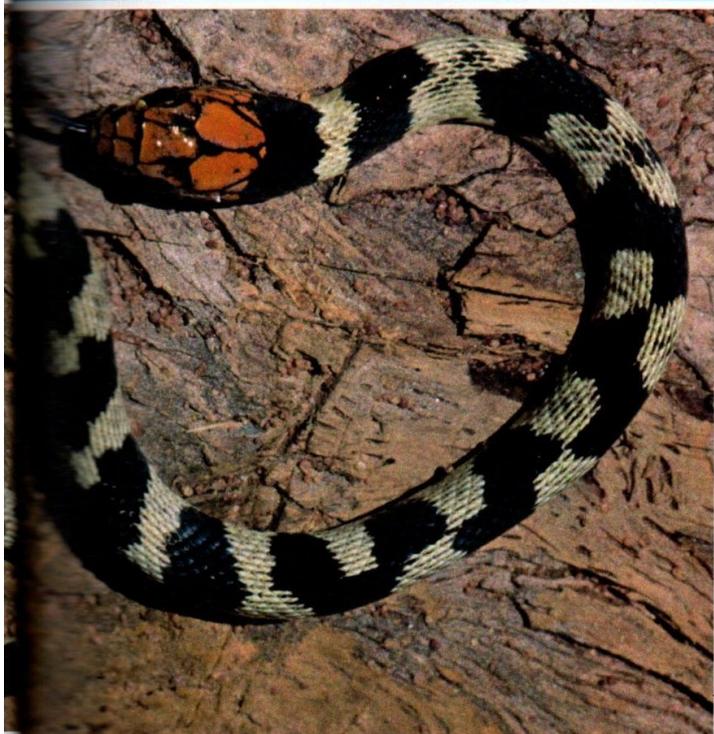


#### ESPECIALISTAS

A dieta da *Pseudablabe agassizi* inclui preferencialmente aranhas de chão, enquanto a bicuda (abaixo) se restringe a lagartos.



*Chrysopele aeneus*



OTAVIO MARQUES

FOTOS: ANDRÉ PESSOA

nem sempre escapam aos seus predadores. Além de constituir a refeição principal de outras cobras — sobretudo das corais-verdadeiras (gêneros *Micrurus* e *Leptomicrurus*) e muçuranas (gênero *Clelia*) —, nossas serpentes estão sempre na mira de aves de rapina (gaviões, falções e corujas), emas e seriemas, diversos marsupiais (gambás e cuiças) e da jaritataca (ou cangambá). As principais ameaças às serpentes, no entanto, não são seus inimigos naturais, mas a perda de hábitat e o preconceito. Muito embora a serpente mitológica dos católicos tenha oferecido a Adão e Eva o fruto do conhecimento, ou seja, a capacidade de distinguir o Bem do Mal, parece que prevaleceu a identificação da portadora com a pior parte da mensagem. E os brasileiros até hoje optam por temer — e castigar com a morte — essa portadora, independente de sua extraordinária importância ecológica.



#### PARA SABER MAIS:

Informações gerais e dicas para reconhecer as espécies brasileiras mais comuns estão resumidas nos guias de campo da Holos Editora:

*Serpentes da Mata Atlântica*, de Otavio Marques, André Eterovic e Ivan Sazima  
*Serpentes do Pantanal*, de Otavio Marques, André Eterovic, Christine Strüssmann e Ivan Sazima

Um bom documentário, sem apresentadores exibicionistas, é *O Misterioso Mundo das Cobras e Serpentes* do Discovery Channel, com versão em português disponível em vídeo locadoras e lojas especializadas

**Para quem lê inglês, vale a pena procurar os livros:**  
*Snakes, the Evolution of Mystery in Nature*, de Harry W. Greene (University of California Press, EUA)  
*The Encyclopaedia of Snakes*, de Chris Mattison (Cassell Paperbacks, Inglaterra)

#### PARA VER SERPENTES DE PERTO:

Instituto Butantan tel (11) 3726-7222 e site: [www.butantan.gov.br](http://www.butantan.gov.br)

Projeto Jibóia tel (67) 8419-0313 e site: [www.projetojiboiacom.br](http://www.projetojiboiacom.br)

Zôo de Répteis Vida Selvagem tel: (19) 9781-7621 e site: [www.vidaselvagem.zlg.br](http://www.vidaselvagem.zlg.br)

#### AGRADECIMENTOS:

Otavio A. V. Marques, do Instituto Butantan, pelas informações básicas, identificação das espécies e fotos

Antonio Carlos Ribeiro da Costa e Lillian Parpinelli, do Instituto Butantan, e Gustavo Malufe, do Zôo de Répteis Vida Selvagem, pelo apoio na produção de fotos

# GENTE DA TERRA

texto EDUARDO LACERDA e fotos LIANA JOHN



## Um sobrevivente e os canibais

*“Buenos dias, Señor!”*

**A**o entrar na farmácia, fico admirado com a saudação em espanhol do balconista, de evidentes traços indígenas. Pensando que ele fosse de algum país dos Andes, pergunto onde havia nascido. E qual não é minha surpresa quando ele responde, não escondendo o orgulho: “Sou brasileiro legítimo! Índio guarani, do Mato Grosso”. Adelaido Milcíades Milto é o nome conhecido pelos freqüentadores daquela farmácia, porém, na verdade, ele é Yaci, um índio de 58 anos que resolveu se aventurar na cidade.

A façanha aconteceu quando Yaci tinha apenas 13 anos, prematura para os brancos, mas não para um

índio. Nessa idade, um jovem guarani tem idade e vivência suficiente para tomar conta da própria vida. E foi exatamente o que ele fez, com o consentimento do pai: saiu da aldeia, onde viviam 500 pessoas, em Ponta Porã (MS), com destino a São Paulo.

A decisão, um tanto ousada, baseava-se em histórias fantásticas contadas por um sargento do Exército, descendente de índios, que trabalhava no apoio à comunidade guarani. Yaci desejava ver um suposto povo canibal, cujo nome seria ‘bugre’, com índios muito fortes e de pele clara. E, para isso, empenhou-se com mais dois amigos numa caminhada de fôlego: eles andaram por mais de um mês até Terenos (MS), onde estava o sargento de confiança. O trajeto não

intimidou os aventureiros: “Na aldeia, a gente ficava um ou dois anos num lugar, depois andava 50, 200, 300 km, para cultivar arroz, milho, feijão”, relata. De Terenos a São Paulo, eles foram de caminhão e trem.

Sem falar uma palavra em português, os três foram deixados num colégio de freiras, perto da Estação da Luz. “Não esperava ver prédios. O chão, todo coberto com casa e asfalto, não fazia sentido. Tentava saber por onde a água saía, onde plantavam mandioca e as pessoas riam de mim”, conta. Às vezes, o diferente era motivo de pavor. “Na primeira vez que vi um bonde elétrico, achei que era um monstro. Fazia um barulhão e aquelas antenas soltavam faíscas quando batiam nos fios de energia. Eu não tinha onde me esconder e corri desesperado por uma avenida comprida”, lembra.

Com apoio de uma empresa privada, os três companheiros começaram a estudar. De acordo com Yaci, em seis meses ele já se comunicava em português e começou a ler tudo o que podia. Aprendeu também espanhol e adaptou-se bem ao mundo urbano, mas o mesmo não ocorreu com seus amigos, que voltaram para a aldeia.

Não demorou a conseguir o primeiro emprego no Hospital das Clínicas de São Paulo, onde ajudava na fabricação de próteses de madeira. E ali surgiu o convite para o ofício mantido pelo resto da vida: trabalhar em uma farmácia de manipulação. Nesse emprego, Yaci permaneceu por 35 anos, até se aposentar. Então, cansado de São Paulo, mudou-se para Jundiá, em um bairro próximo à Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Japi, onde trabalha até hoje como balconista de outra farmácia.

É de se supor que Yaci lance mão

Yaci (à esquerda) aos 13 anos quando saiu da aldeia



do conhecimento trazido da aldeia sobre plantas medicinais, no atendimento cotidiano da farmácia. Mas, não. No mundo dos brancos, ele tem muita dificuldade em identificar as ervas certas. “Os nomes são diferentes e, às vezes, as folhas que a gente vê no comércio não são verdadeiras”, ressalta.

Ele pensou em fazer um curso superior. No entanto, quando ia iniciar os estudos, recebeu a notícia da morte do pai, decorrente do coice de um cavalo. E foi obrigado a mudar os planos: com 12 irmãos, precisou ajudar a família com o seu trabalho.

A impossibilidade de cursar a faculdade não significou o fim do aprendizado. Mesmo com as dificuldades, tornou-se faixa preta no judô e conseguiu concluir um curso de massagem oriental. “Sempre conser-

garante. Yaci também se mantém informado sobre o que acontece no mundo e, principalmente, com os povos indígenas: “Quando Pedro Álvares Cabral chegou aqui eram 5 milhões de índios guarani. Hoje, dizimaram tamoyos, goitacazes, tapajós...”

Pergunto sua opinião sobre o aquecimento global. “O homem da cidade pensa que árvore faz sombra pra ele, mas árvore faz sombra pra terra. Sem ela, a terra chora e faz ferida. A erosão é ferida da terra e isso dói na gente. Daqui a pouco a terra vai brigar pelos direitos dela, e vai brigar de foice”, assegura.

A saudade da terra natal o acompanha desde o início da aventura, mas ele só retornou à aldeia vinte anos depois de partir, em 1982, de avião. Lá, foi chamado de ‘doutor’, infelizmente sem poder tratar o que

viu: “pessoas maltrapilhas”, abandonadas à própria sorte. Naquele instante, teve a certeza de ter tomado a decisão certa, indo para a cidade.

Da última vez, há 2 anos, foi à aldeia de carro. Hoje, menos de 100 pessoas moram no lugar, na reserva de Dourados. Tudo mudou muito e todos vivem em casas de madeira. Segundo Yaci, “não deveriam mexer com a cultura dos índios. Todos os valores novos que chegam confundem o povo indígena”.

Yaci conta dinheiro em guarani e digita o nome dos remédios no computador. Reafirma que seu verdadeiro desejo era mesmo conhecer os misteriosos índios brancos que comiam a carne dos inimigos. Com um sorriso de quem reconhece ter acreditado em uma lenda, admite que não encontrou nada disso... Ou encontrou?